
Editorial

ESTE número monográfico representa um grande desafio para o corpo editorial dos *CADERNOS*. Nunca é tarefa dispicienda organizar um número temático. Imagine-se, pois, quando o assunto em causa não tem recebido a atenção merecida quer por ignorância quer por receio. No entanto, se recebermos os ecos que procuramos, podemos estar no limiar do lançamento de uma linha editorial diferente daquela do passado recente.

A situação existente nas bibliotecas e arquivos portugueses em matéria de Preservação e Conservação é ainda caótica. Não valerá a pena adiantar o nome desta ou daquela instituição porventura mais esforçadas neste campo de actividade. A nobre excepção não faz a regra. Como nos demais aspectos da nossa profissão, a definição de uma linha estratégica surgirá talvez numa manhã de névoa. Mencione-se, contudo, a diferença: neste capítulo específico, cada ano volvido pode representar perdas irreparáveis no nosso património documental, escrito ou gráfico.

A provar que poucos acreditam nesta evidência está o atraso, o desconhecimento, a feliz satisfação com que vamos gerindo arquivos e bibliotecas tomando o dia de amanhã como se do futuro longínquo se tratasse. Um comportamento que apenas a ignorância autoriza.

Os *CADERNOS* não pretendem colmatar essa grave falha em política de Preservação e Conservação, nem julgam poder substituir-se a quem cabe essa responsabilidade. Não é essa a sua função. Contudo, quando olhámos em volta e constatámos o deserto existente, achámos que valeria a pena desenvolver um esforço suplementar e avançar resolutamente por «terra proibida».

Preparado sobre papel permanente de produção portuguesa, o número não é exaustivo, muito longe disso. Assuntos como, por exemplo, o tratamento da fotografia ou a encadernação nem sequer são aflorados; grandes projectos inter-

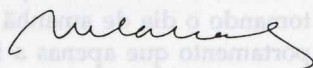
nacionais como o EROMM (European Register of Microform Masters) — no qual a Biblioteca Nacional felizmente está envolvida — não são citados; os esforços da IFLA, do ICA ou da UNESCO não são divulgados. Ponderámos a questão, mas reunimos, de momento, o possível. E porque foi tão suado, tão repleto de avanços e recuos, porque exigiu particular empenho dos autores presentes, é-lhes devido um agradecimento especial, que tornamos extensivo às firmas Porto Cavaleiros, Seta, Simint e Kodak que apoiaram esta edição.

Uma palavra também sobre a ampla participação estrangeira que contraria a nossa linha editorial. Não queríamos tanta colaboração não-portuguesa mas ela provou ser inultrapassável, ficando mais uma vez patente o muito ainda a fazer na área da formação e da prática da comunicação.

Procurámos na organização interna dos *CADERNOS* seguir uma certa lógica. Uns artigos têm carácter geral e introdutório à problemática, concordando todos na necessidade da elaboração de um Plano Nacional de Preservação e Conservação. Outros trazem uma tónica mais prática e formativa, enquanto um outro grupo de artigos apresentam informação sobre Portugal. Portugal, o grande ausente. Nesta omissão, uma indicação de linha de trabalho para o recém-criado Grupo de Trabalho em Preservação e Conservação.

Finalmente, o cartaz. Trata-se de original especialmente encomendado para a ocasião. À palavra quisemos associar a imagem e entrar, assim, pelo espaço tranquilo das bibliotecas e arquivos. Todos nós sabemos como este sossego é enganador e não deveremos por mais tempo iludir-nos. É a nossa consciência profissional que está em causa e um dia chega que teremos de dizer Basta. Começará então um árduo percurso na recuperação da nossa dignidade profissional e do nosso património. Os *CADERNOS* colaboram, à sua maneira, nesse movimento de alerta.

Na companhia dos *CADERNOS*, que releio, imaginando a parede certa para o cartaz, deixo aqui os votos de BOM ANO para cada leitor, votos que redobro para a Inês Lopes e Carlos Abreu pela colaboração intensa exigida.



(Maria Luísa Cabral)